

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 11 — TAVIRA

DIRECTOR

ISIDORO MANUEL PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números—No concelho de Tavira... 3500
Para outras localidades... 3500

Composição e Impressão
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

AVENÇA

Que a Nação aprecie Festejos Populares

NÃO LI NA INTEGRA o celeberrimo manifesto, representação, intimação, imposição ou coisa que o valha, de que muito se falou no recente julgamento político realizado no Tribunal de Santa Clara.

Não li, nem tenho o menor interesse em ler. A ajuizar por aquilo que no Acordão se transcreve, o papel em causa não fornece qualquer elemento sério e útil de estudo, nem ao Governo, nem áqueles que, como eu, sincera, civicamente com ele colaboram.

Embora a disciplina seja a obrigação primária de quem quer servir, ninguém me comprou a consciência, nem jamais procurou limitar-me a liberdade de pensamento. Apenas me exigem, como aliás a toda a gente, e muito bem, seriedade de processos, dignidade de atitudes, enquadramento em normas de educação, e pudor mental.

Repetidas vezes nós sugerimos, reclamamos, apontamos erros e submetemos á consideração dos governantes o que se nos afigura ser a melhor solução para este ou aquele problema.

Algumas vezes somos convencidos de que a verdade ou razão não estavam do nosso lado; mas noutras logramos conseguir que sejam aceites os pontos de vista que defendíamos.

Tudo isto fazemos, é bem de ver, ás claras. As sombras são para as corujas.

Contrariamente, porém, ao que é voz geral, eu entendo que o sr. Presidente da República, Salazar, o Governo e a grande massa da Nação que aplaude a obra da Revolução

Nacional devem aos autores do documento um serviço inestimável.

Se carecessemos de justificar o que por si próprio se justifica e impõe, bastaria ler as passagens mais atrevidas ou mais impúdicas do papel para nos sentirmos orgulhosos do modesto concurso que demos, damos e daremos a quem tão aleatoriamente serve o interesse nacional.

A linguagem cheira a comício que tresanda. Farfalhada,

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

Continuam a decorrer com brilhantismo os Festejos Populares, promovidos pela Banda de Tavira, com o patrocínio da Câmara Municipal.

Conforme noticiamos, nos dias 27, 28 e 29 de Junho, os festejos constaram da apresentação das artistas Marilú e Branca Velez, que agradaram. Deu a sua colaboração à festa o nosso conterrâneo sr. Luís Arnedo, que cantou alguns números do seu repertório, tendo sido bastante aplaudido. Na noite de 28, exibiu-se a «Marcha de Santa Catarina», concorrente ao certamen das marchas folclóricas concelhias, que, aparte uma ou outra pequena deficiência, própria de amadores, a marcha foi bastante aplaudida.

As marchas folclóricas são sempre recebidas com agrado pelo público, que compreende bem quantos sacrifícios se despendem para as levar a efeito.

E' sempre um número de grande efeito, mas que representa muita boa vontade e alguns milhares de escudos.

A «Marcha de Santa Catarina» foi organizada pela Casa do Povo daquela localidade, tendo prestado a sua valiosa colaboração a sr.ª D. Maria de Lourdes Neto, que foi incansável para que a marcha da sua freguesia fosse um facto.

A comissão organizadora das festas, não se poupando a esforços, apresenta hoje, um programa admirável, que a seguir transcrevemos:

FESTEJOS POPULARES EM TAVIRA NO PARQUE MUNICIPAL

Continuam com grande brilhantismo os FESTEJOS POPULARES promovidos pela BANDA DE TAVIRA, com o patrocínio da CAMARA MUNICIPAL

Dia 4 de Julho de 1948

Às 21 horas—A Banda de Tavira percorrerá a cidade, anunciando a abertura da festa.

Às 22 horas—Abertura do «Dancing» abrihantado pela excelente orquestra «CARAVANA DO SUL», de Faro, a melhor do Algarve.

À meia noite—Exibição, pela primeira vez em Tavira, da afamada artista da rádio, a voz de ouro da Emissora Nacional,

MARIA CLARA

a famosa interprete dos filmes Portugueses «Os Três Espelhos» e «Aqui, Portugal», que num vasto e animado reportório deliciará o público.

MARIA CLARA

é uma artista de vastos recursos no TEATRO, no CINEMA e na RÁDIO.

Vistasas iluminações, esmerado Serviço de Bar, gelados, tombola, doces regionais, etc.

O Parque Municipal de Tavira é o lugar mais aprazível para digressões nas noites estivais

No «DANCING» é reservado o direito de admissão

As mesas e cadeiras para o festival reservam-se na Farmácia Aldomiro de Sousa

Cada mesa reservada dá direito a 4 cadeiras

PREÇOS — Entradas no Parque: Homens, 5\$00; Senhoras, 2\$50



MARIA CLARA

TAVIRENSES:

Auxiliai o vosso Hospital

Temas Musicais

Tavira, centro tradicionalista da música popular, merece de mim particular atenção.

E falar-lhe de bandas, de músicos, de organizações artísticas é tocar-lhe, bem ao vivo, na mais acrisolada das suas inclinações.

Mas, nem só Tavira deseja que esia faceta da alma popular seja agitada. Todo o País está nessas condições; por isso, eu vou aqui, nas colunas deste belo semanário —alma bem palpitante de todo o Tavirense—emitir, em síntese e na generalidade, a minha manei-

ra de ver em tão delicado quão transcendente assunto.

Desde o mais humilde cidadão português ao mais elevado e categorizado governante, é de justiça que á grandiosa obra, que são as colectividades musicais do Povo e para o Povo, dêem o maior amparo e carinho possíveis.

Vitalidade, manutenção, ordem, progresso artístico, civilização; e, da parte oficial, a indis-

Pedro de Freitas

(CONCLUI NA 2.ª PÁGINA)

No próximo domingo, dia 11 do corrente, exhibir-se-á a afamada «Marcha Folclórica de Santo Estevão», que, segundo nos informam, será uma das melhores do concurso, pois dela fazem parte alguns pares já experimentados, dispondo dum bom grupo coral.

A letra é da autoria do nosso camarada de Redacção sr. Virgínio Pires e a música do sr. José dos Santos Cavaco Júnior, em saíador da marcha.

Esta marcha apresentará um interessante número de *Desgarvadas*, com letra de Ventura Fernandes Marques e música de José dos Santos Cavaco Júnior.

Também será apresentado o célebre número dos *Quatro Can-*

tinhos, corridinho marcado, em que são exímios bailadores os habitantes de Santo Estevão.

No próximo dia 11, o Parque vai ser pequeno para comportar o público que se desloca para apreciar a «Marcha de Santo Estevão».

Um Português inventa o Cinema em Relevo

Desde as primeiras imagens oscilantes e de movimentos bruscos e rígidos, que Luis Lumière, há pouco falecido, cons-guiu projectar sobre a tela, até aos actuais filmes coloridos, todo um enor-

EGOS DO PASSADO Jogos Florais

DE JOGOS FLORAIS se tem falado tanto e tantos se têm realizado, que não é fóra de propósito vermos a sua origem.

Flóra, divindade subalterna da mitologia grega, era a deusa das flores, a graciosa alegoria da Primavera, e teve por esposo o loiro Zéfiro, cujo tépido sopro acaricia as flores e dá vida á natureza, dando-lhe em dote o soberano império sobre as flores.

Foram os povos Sabinos os primeiros que lhe dedicaram templos e que mais tarde, quando passaram a fazer parte do povo romano, introduziram em Roma o culto desta deusa. As suas festas eram anuais e chamavam-se *Floralia*. Duravam seis dias e começavam no mês de Abril. Estas festas produziram os *Jogos Florais*, tão famosos na antiguidade, e estes jogos celebravam-se em Roma durante a noite, á luz dos archotes, no grande circo da rua Patrícia. O sentimento religioso, que os caracterizava na sua origem, desapareceu bem depressa, e estas reuniões nocturnas trouxeram consigo grande quantidade de escandalos e desordens.

Quando as mulheres celebravam os Jogos Florais, isto é, as festas da dita deusa, corriam de noite e de dia, dançando ao som de trombetas; e as que alcançavam o prémio da carreira eram coroadas de flores. Apresentava-se aquela deusa, brilhante de frescura e de juventude, no meio dos lírios e das rosas, tendo uma cornocópia donde saíam flores e frutos e a cabeça e o corpo ornado de grinaldas.

Até aqui a mitologia; agora, a história, em poucas linhas.

Na Idade Média, em Toulouse, houve certames poeticos e literários, e que ainda hoje existem. Foram fundados pelos trovadores em 1323, dando-se-lhe então o nome de *Colegio da Gaia ciência*. Al se distribuía aos melhores versos uns prémios de diferentes flores de ouro, e de prata, tais como a violeta, a rosa silvestre, o amaranto ou o nome de uma dama de Toulouse.

Clemence Isaure, em 1500, célebre pela sua beleza e espirito, deu-lhes novo brilho, e foram

Damião de Vasconcellos

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

TROVA

Quem quiser ter f'licidade
Pode te-la de momento;
Erra, se a busca no Mundo;
Procure-a no pensamento!...

ISIDORO PIRES

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

O 2.º Aniversário da Casa do Algarve

XI CAPITULO

Devemos acabar com a lenda

De que os Algarvios são individualistas, maus bairristas e pouco familiares

—afirmou o sr. Jerónimo Marcos na primeira reunião da Casa do Alentejo

Aos doze dias do mês de Fevereiro de 1946, a Comissão Reorganizadora da «Casa do Algarve» enviou um ofício ao sr. Governador Civil do Distrito de Lisboa, a fim de pedir autorização para a comissão reunir no dia 20 do mesmo mês. O pedido foi deferido.

De comum acôrdo com os srs. Jerónimo Marcos, Joaquim António Nunes, Joaquim do Nascimento Cravinho, Anibal Anjos e, por último, o dr. Virgílio Passos e Julião Quintinha, visitámos o sr. dr. Amadeu Ferreira de Almeida, ex-ministro plenipotenciário, afim de presidir á reunião do dia 20 de Fevereiro, na Casa do Alentejo. O ilustre ministro aceitou o convite. Então foi enviado para a imprensa a seguinte notícia que foi publicada nos jornais: «A Voz», «Diário de Notícias», «Século», «Vitória», «Diário Popular» e «Diário da Manhã», um dia antes da reunião: «Casa do Algarve, em Lisboa.—Amanhã, ás 21,30, na Casa do Algarve, efectua-se uma reunião da colónia algarvia para tratar da reorganização da Casa do Algarve, em Lisboa, e nomear a comissão reorganizadora. A comissão preparatória de trabalhos, que tem recebido valiosas adesões de figuras eminentes daquela provincia em todos os sectores sociais, solicitou a presença de todos os algarvios.

Entretanto, a grande Comissão Reorganizadora da «Casa do Algarve» mandou imprimir e distribuir pelas pessoas que deram a sua adesão, através de correspondência e das listas a que já nos referimos, a seguinte circular:

«Convite: A Grande Comissão Reorganizadora da «Casa do Algarve» tem a honra de convidar V. Ex.ª a assistir a uma reunião, que terá lugar no dia 20 de Fevereiro, pelas 21, 30 horas, numa das salas da «Casa do Alentejo», na Rua Eugénio dos Santos, 58, sala gentilmente cedida pela Ex.ª Direcção. Esta reunião tem por fim apresentar o trabalho já realizado por alguns dos seus elementos e nomear uma Comissão Executiva, afim de se efectuar a instalação da nova «Casa do Algarve», em Lisboa. Das centenas de algarvios que fazem parte dessa Grande Comissão Reorganizadora, destacam-se os seguintes nomes: Almirante José Mendes Cabeçadas, Dr. Amadeu Ferreira de Almeida, Dr. Ascensão Ferreira, Dr. Guerreiro Murta, Dr. José de Sousa Carruça, Dr. Humberto Pacheco, Dr. Vergílio de Passos, Julião Quintinha, Eduardo Pavia de Magalhães, Roberto Nobre, Assis Esperança, Armando Miranda, Cesar dos Santos, António Santos, Jerónimo Marcos, Joaquim A. Nunes, Gentil Marques, Luís Anacleto Júnior, etc., etc., etc.»

Na noite de 20 de Fevereiro, reuniu-se a Grande Comissão perante numerosa assistência, numa das salas da Casa do Alentejo.

Presidiu o sr. Almirante Mendes Cabeçadas, ladeado pelos srs. Eng.º Armando Pires de Lima, Dr. Virgílio de Passos, Jerónimo Marcos e Joaquim António Nunes.

Abriu a sessão o presidente, que elogiou a iniciativa da comissão organizadora da reunião e exaltou a utilidade de o Algarve ter em Lisboa uma casa representativa.

Em seguida, o sr. Jerónimo Marcos usou da palavra, referindo-se primeiramente á iniciativa, aliás no espirito de todos os algarvios, que fora dos srs. Luís Bonifácio, Joaquim António Nunes, Jerónimo Marcos, Joaquim Cravinho e Luís Anacleto.

A seguir, leu a seguinte exposição a todos os presentes:

«Minhas senhoras e meus senhores, presados comprovincianos!

A ideia do ressurgimento da casa regional do Algarve não é exclusivamente nossa—é de todos os algarvios de espirito bem formado, sociáveis e amigos da sua terra.

E', em suma, de todos aqueles que não se julgam diminuídos por terem nascido no Algarve.

Pertence a todas as pessoas que não têm desprimor da sua origem provinciana e que desejam associar-se a todas as manifestações de homem civilizado.

Pertence naturalmente a todos os nossos comprovincianos que não tenham dúvida em dar vida, sustentar e frequentar um lar algarvio, para todos os que tenham uma conduta decente e uma profissão honesta.

Surgiu somente agora, por se ter naturalmente atingido o limite máximo—perdoável—de indiferença, por nós próprios, e pelas coisas que nos são queridas.

Foi, talvez, o desejo de acabar com uma vergonha—que chega para todos os algarvios—que se reuniu uma comissão constituída por quatro filhos do Algarve e dois grandes amigos dele, nascidos noutras terras, para agrupar nomes, alvitres e opiniões, das pessoas que quisessem contribuir, com o seu esforço, para constituir em Lisboa uma casa regional da sua provincia.

—O que fez esta «comissão»?

Muitos simplesmente, o que tantas pessoas podiam ter feito,

Distribuiu por todos os seus amigos e conhecidos listas de inscrição, enviou circulares a quem não tinha possibilidades de tratar pessoalmente do assunto, e fez publicar nos jornais da Capital e das provincias—principalmente, do Algarve—que se achava constituída em Lisboa uma comissão para levar a cabo o ressurgimento da Casa do Algarve. Esta tarefa, aparentemente simples, levou tempo e foi trabalhosa, dada a circunstância do terreno onde foi preciso lançar a semente da nossa ideia se achar pejado dessa planta pernicioso, de indiferentismo, sempre florescente—nato nos filhos do Algarve. Contudo, a nossa ideia ganhou volume e forma própria, tornando-se um facto palpável. As listas de inscrição foram cobertas de nomes de pessoas de todas as categorias, num total de quatrocentas assinaturas, até este momento, mesmo com as habituais reservas.

Quer isto dizer que já possuímos um número de sócios igual ao dos nossos inscritos. Porém, tendo em atenção o elevado número de algarvios residentes em Lisboa, nas condições de poder pagar cotas para a sua casa, o número de sócios inscritos é muito diminuto, mas já constitui base para começar.

Como é legítimo ponderar, com tão pequeno número de sócios não podemos constituir um grémio regionalista que represente condignamente uma provincia como o Algarve.

O Algarve é uma provincia super-abundante em valores intelectuais, morais e materiais, ipso facto, não pode nem deve ter uma representação em Lisboa, que não lhe seja correspondente.

As pessoas que até este momento conduziram os trabalhos do ressurgimento da Casa do Algarve, embora animadas da melhor boa vontade, carecem no entanto de muitos meios indispensáveis para instalar com devido relêvo uma casa representativa da importância da sua provincia.

Assim, procuraram interessar, para a instalação da nova Casa do Algarve, pessoas de toda a respeitabilidade, residentes na capital—dispostas a contribuir com a sua inteligência, vontade e amor pela sua terra—para acabar com uma vergonha que deprime os homens conscientes do nosso querido Algarve.

Convém dizer que muitos valores algarvios não foram pessoalmente convidados por falta de possibilidade desta Comissão, pelo que pedimos aqui, nos relevem a falta.

E' lícito confessar que o descontrolado elevamento de preços das rendas das casas e do mobiliário, que ora se observa, torna menos propicio este momento para reorganizar a Casa do Algarve, mas é talvez em obediência a um despertar de consciência, que não se deve protelar por mais tempo uma falta tão flagrante, que bem se pode classificar de indigna de gente sociável.

—O Algarve é a única provincia que não possui em Lisboa a sua casa regional, para vergonha da sua colónia e desprimor dos seus elementos.

—Queremos nós, algarvios, mostrar com esta negligência vergonhosa que somos inferiores ou superiores aos habitantes das outras provincias?

—Queremos dizer que somos maus amigos uns dos outros?

—Que somos incapazes de viver em sociedade?

—Que somos incapazes de um esforço em comum, para o bem da colectividade algarvia?

—Que somos incapazes de pagar uma modesta quota para manter uma casa que represente e receba a familia algarvia no seu seio?

—Os algarvios são homens como os mais—com defeitos e qualidades—e, portanto, hão-de ser capazes de seguir o exemplo simpático dos filhos das outras provincias portuguesas.

—O que devemos então fazer?

—Muito simplesmente, acabar com a lenda de que os algarvios são individualistas, maus bairristas e pouco familiares. Para isso devemos todos contribuir para desmentir essa lenda—associando-nos para levar a bom termo uma obra de todos para todos.

A casa regional do Algarve não deve representar apenas uma «elite», mas sim todos os valores activos dessa provincia existente em Lisboa. E', pois, indispensável que ela reúna os requisitos necessários para interessar todos os ramos de actividade, desde os mais categorizados aos mais modestos.

—Poder-se-á isso conseguir?

Estamos certos de que sim. E' trabalho de inteligência e de vontade e dele vai depender o êxito do nosso empreendimento.

Seria obra de pouco merecimento criarmos um grémio simplesmente para festas dançantes, ou só para fins culturais, ou meramente de assistência.

Não, minhas senhoras e meus senhores, nós desejamos constituir uma casa para os três fins, recreio, cultura e assistência.

Para conseguirmos este propósito, é necessário ter em linha de conta a ca-

Ciclismo em Tavira

Realiza-se hoje, pelas 16,30 horas, na Pista do «Ginásio Clube de Tavira» uma emocionante competição internacional entre ciclistas Portugueses e Espanhois.

Pela primeira vez em Portugal Nicolás Olmo e José Jimenez, em representação da *Agrupacion Ciclista Onubense* contra os briosos corredores algarvios do *Louletano Desportos Clube*—Joaquim Apolo, Manuel Barros, Manuel Apolo, Francisco do Serro e Bernardino Amaro (Independentes); Anibal, Cristina, Laurindo e Mendonça (amadores).

Ginásio Clube de Tavira—Manuel Palmeira, José Baptista, Inácio Ramos, José Cardoso e Rolandino Palmeira (Independentes); José Martins, Solustiano Dias (Morgado), Mealha e António Justo (Amadores), que terão oportunidade de mostrar quanto valem aos incrédulos da sua inegável categoria!

Colaboram também neste festival os Iniciados: João Saraiva, Custódio de Sousa, João de Jesus, Américo Caiado, João Cotovio, Joaquim Eduardo, João Veiga, António Gonçalves, Emiliano e José Besugo.

Programa: I—Prova de 20 voltas em Linha para Iniciados; II—Prova de 50 voltas em Linha para Amadores com «sprints» obrigatórios de 10 em 10 voltas; III—Prova de 100 voltas em Linha para Independentes com «sprints» obrigatórios de 10 em 10 voltas.

A vinda ao Algarve dos famosos ciclistas espanhois constitui audácia, mas não temeridade. Os ciclistas algarvios, tão bons como os melhores portugueses não receiam o confronto e estão ansiosos pela luta.

Limitação

«Até ao fim do Mundo»...

Vês?

Fol a palavra que gravou no túmulo o amador de Inês.

E ou que admiro e exalto

os dotes que nele vejo

—pols na verdade os tinha em grau mul alto-

eu, no amor bravo seu parcelo,

modero muito mais o meu desejo

do que o Rei Justiceiro:

pols só quero ser teu

e que tu sejas minha

—mulher a quem eu amo do mais fundo

de um coração que para o teu caminha!

até o amargo dia

em que um de nós se desterrar do mundo!

CARDOSO MARTA

Declaração

Eu, abaixo a meu rogo assinado, Vitorino António, casado, trabalhador, morador no sitio do Brejo, freguezia da Luz, concelho e comarca de Tavira, declaro para os devidos efeitos, que não me responsabilizo pelo pagamento de quaesquer dividas contraidas por meu filho Placido Martiniano António, solteiro, de 17 anos de idade, e actualmente sem residencia certa.

Tavira, 1 de Julho de 1948.

Vitorino António

(Segue o reconhecimento)

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

pacidade de pagamento de muitos artífices, que querem e devem fazer parte da nossa casa.

E' um dever de solidariedade encarar bem este problema, tal como é um dever de sociabilidade contribuir com uma quota máxima, desde que as condições materiais de cada um, o permitam fazer.

E aqui termina a missão da Comissão Pro-Organização da Casa dos Algarvios, que foi constituída por: Jerónimo G. Marcos, Joaquim António Nunes, Joaquim N. Cravinho, Luís Anacleto Júnior, Luís Bonifácio e Anibal Anjos».

Luís Bonifácio

Temas Musicais

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

pensável assistência, são os frutos que se tornam indispensáveis ás tão beneméritas instituições musicais.

Nas tão simpáticas bandas populares—casas do povo e sociedades recreativas—encontra-se a mais decidida, festiva e benemérita particula da alma de Portugal.

Na festa do povo anónimo, na sala do remediado, nos sarás da elite; nos benefícios, nos auxílios, na assistência aos necessitados; em todos estes actos da vida humana, a música organizada tem sempre indispensável preponderância.

Festa sem música é uma candeia das escuras!

Consequentemente, a Divina arte pratica o Bem, consola os necessitados, estimula o trabalho, presta assistência aos desvalidos da sorte, educa os espiritos, combate a taberna, glorifica a Nação.

Em counterpartida, a Nação deve glorificar a Arte, conferindo-lhe o indispensável auxilio oficial a Bem do Povo e da melhor unidade nacional.

Já alguém em Portugal disse que as bandas populares são «autênticos conservatórios de música do povo». Nada mais certo! Pois nestes conservatórios, muitos filhos de gente humilde se têm formado belos artistas, muitas inteligências têm desabrochado, muita educação se tem difundido.

O operário, o trabalhador rural, o modesto funcionário, o analfabeto, o artista, o «carola», nelles têm aperfeiçoado o espirito, educado a alma, aprimorado o gosto, desenvolvido o entendimento artistico e aberto o caminho do futuro. E nesses classicos conservatórios muitos milhares de individuos têm assente sua «praça»!

Entre esses muitos milhares de individuos, não fugi eu á gloriosa tentação, e assim comecei, há quarenta e cinco anos, as minhas lides de simples amador de música no seio das nossas úteis bandas populares.

E' evidente que muito tenho visto e muito mais aprendido.

A dura experiencia dos nove lustros decorridos formou no meu espirito uma concepção das nossas sociedades musicais, que, embora com singeleza, permito-me historia-las em breves palavras.

Por 1834 apareceram em Portugal os primeiros núcleos filarmónicos.

Em 1842, a sua evolução começou a acentuar-se por todo o País, como hoje evoluem os tão destruidores da arte—os selváticos «Jazzes Bands».

Formaram-se essas sociedades de música num paisanismo confrangedor. Organização, administração e preceitos disciplinares e associativos eram virtudes desconhecidas. E só muitos anos depois é que criaram aparentemente alguns alicerces; e muitas—se não todas—das que hoje ainda vivem são alimentadas por «balões de oxigénio»; e muitissimos nunca viram as páginas de uns estatutos, um ficheiro associativo, uma séde apropriada e um número de sócios contribuintes que lhes permita uma vida desafogada.

Consequentemente, as suas tradições mantêm-se num regime de permanente asfixia; outro tanto sucede com a orgânica artistica—o quadro dos amadores de música. E daí o decaimento geral das nossas bandas civis.

Insufiar-lhes vida é tudo quanto há de mais humano e tradicionalista.

Antigamente, o músico amador apegava-se á sua Banda pelo amor, pela herança paternal, pelo brio, pelo bairrismo. Hoje, essas causas perderam muito da sua influencia e outras têm vindo que provocaram o abandono e o desinteresse á dedicação da nossa música popular.

A aprendizagem dá por mais bem empregado o tempo na pratica do futebol, na bicicleta, na telefonia, no café, no cinema, no

facil passeio, e, no alto comodismo, porque, aprender-se música é tudo quanto há de mais aborrecido e impertinente.

O filarmónico, por sua vez, apegado a uma vida difícil, necessidade de auxilio, e já não corre atrás de preconceitos, de sentimentalidade:—não pode ou já não quer trocar o sacrificio pessoal em beneficio exclusivo do prazer de outrem.

Que fazer, pois, em emergência tão critica para as bandas civis?

—Profissionalizar o amador de música,—subsidiar e reconhecer de utilidade pública as colectividades musicais.

Harmonizando tão delicada quão melindrosa função oficial—público—artistica, entendo que os Municipais deveriam agregar aos seus orçamentos uma verba própria—música concelhia, mas solidificada por força de lei, porque, simplesmente municipalizar a música e dispensar-lhes sómente os cuidados do pelouro camarário, dizem-me os meus conhecimentos práticos não ser caminho aconselhável:

a) porque o respectivo camarista pode não se interessar, não saber ou não gostar de música.

b) porque as cifras dispendidas podem ser consideradas, a certa altura, mal empregadas.

c) porque o auxilio é consoante os ambientes, as conveniências, e não é vitalicio.

Além destes três conceitos, há ainda a considerar que uma banda adstrita a um individuo apenas, pode muito bem considerar-se abandonada: porque lhe falta o estímulo proprio, o ambiente dos entusistas, do socio amigo; e, finalmente, porque lhe falta também aquele encantador conjunto de atractivos que só os centros de recreio espirital e de pessoas afeiçoadas podem dispensar á arte, aos artistas e aos amadores da causa.

Barreiro, Junho de 1948

Pedro de Freitas

Pela Provincia

Loulé

Ciclismo—Realizou-se no Estadio Louletano, no passado dia 27, uma grandiosa competição desportiva, em que tomaram parte as equipas de ciclismo do Sporting Clube de Portugal, composta por João Lourenço e Eduardo Lopes; Ginásio Clube de Tavira e Louletano Desportos Clube.

A competição teve o seguinte programa:

Prova de Iniciados, 30 voltas; Amadores-Seniores, 60 Independentes, 100.

Classificação:

Iniciados—1.º Américo Caiado, Louletano D. Clube; 2.º Cristovão, L. D. C.

Amadores-Seniores—1.º Anibal, L. D. C.; 2.º Laurindo, L. D. C.; 3.º Morgado, G. Clube Tavira.

Independentes—1.º Manuel Apolo, L. D. C., com uma volta de avanço; 2.º Joaquim Apolo, L. D. C.; 3.º Baptista, G. C. Tavira; 4.º Francisco do Serro, L. D. C.; 5.º Bernardino Amaro, L. D. C.

Os «Sprints» da prova de Independentes foram ganhos: 1.º Baptista, G. C. T.; 2.º R. Palmeira, G. C. T.; 3.º Manuel Barros, L. D. C.; 4.º Manuel Palmeira, G. C. T.; 5.º, 7.º, 8.º, 9.º e 10.º Manuel Apolo, L. D. C., assim como um particular oferecido pelo sr. João Mendonça Vargas, da Luz de Tavira; 6.º Francisco do Serro, L. D. C.

A equipe do Sporting Clube de Portugal não obteve classificação, em virtude dum grave desastre.

Realiza-se, organizado pelo Grupo dos Amigos da Caça, um torneio de tiro aos pratos, para o qual estão a ser convidados os melhores atiradores da provincia, bem como de fora, esperando-se a participação de concorrentes espanhois. Ainda não se sabe a data certa, mas espera-se a sua realização no dia 11 do corrente mês.

A Direcção do Louletano Desportos Clube está a organizar uma grande prova ciclista para o próximo dia 18 com a participação das equipas do Porto e Lisboa.—G.

Noticias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—Menino José Fernando Chagas Cansado.

Em 5—D. Maria Flora Rosado e srs. Vasco Brás de Campos e Anibal Diamantino Galhardo Palmeira.

Em 6—D. Maria do Carmo Vizeto Chagas Cansado, D. Maria Angela Martins Fina Barradas, D. Maria Fernanda Marques Pereira, sr. Ventura José Angelo Ladeira e menino Gilberto Angelo Santos de Oliveira.

Em 8—D. Maria José Viegas Carapeto Soases, D. Ilda Contreiras de Campos Cansado, D. Maria Teresa Pessoa de Pádua Cruz Silva e D. Maria Virginia Chagas Boliqueime.

Em 9—D. Maria Cremilde Peres Figueira, sr. Eduardo Augusto de Sousa Gomes e menino Alexandre Martins Viegas Cesário.

Em 10—Menino Renato Januario Fonseca, menina Maria Amélia Ochoa e sr. João do Carmo Costa Júnior.

Partidas e Chegadas

Com sua filha encontra-se nesta cidade a sr.ª D. Fernanda Falcão Trindade de Carvalho Cerqueira, residente em Lisboa.

—Com sua família encontra-se na sua quinta da Torre de Aires, onde veio passar a época calmosa, o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. Sebastião Estácio Telo, proprietário, residente em Lisboa.

—Com sua esposa, partiu para o Alandroal, onde foi colocado como informador fiscal, o nosso conterrâneo sr. Patrocínio da Conceição Guerreiro.

Neurologia

No dia 27 de Junho findo faleceu nesta cidade a sr.ª D. Ana das Dores de Almeida, viúva, natural de Tavira.

Era mãe da sr.ª D. Olívia do Rosário Costa e sogra do sr. Carlos Martins Costa, pintor, residente nesta cidade.

A família enlutada endereçamos condolências.

—No dia 23 de Junho findo faleceu nesta cidade, com 24 anos de idade, o sr. Joaquim Américo Marciano das Dores, barbeiro, natural de Tavira, filho do sr. Joaquim Germano das Dores.

O desditoso rapaz era executante da Banda de Tavira, que o acompanhou no funeral, executando uma marcha fúnebre.

A família enlutada endereçamos sentidos pesames.

—Faleceu em Faro a sr.ª D. Margarida de Sousa Costa Guerreiro, de 71 anos, natural de Vila Real de Trás-os-Montes, esposa do notavel poeta sr. Dr. Cândido Guerreiro, nosso prezado amigo, mãe da sr.ª Dr.ª D. Agar Guerreiro da Franca de Passos Pinto, do sr. Engenheiro Otman Guerreiro da Franca e sogra do sr. Dr. José Dias de Passos Pinto.

A saudosa extinta tinha um coração bondoso e um espirito propenso à Arte. A família enlutada o «Povo Algarvio» apresenta sinceras condolências.

PELA CIDADE

Santa Casa da Misericórdia da Tavira—Serviços Clínicos para o mês de Julho:

Enfermarias: Drs. Ramos Passos, Martiniano Santos e Morais Simão.

Consulta Externa:

De 1 a 10—Dr. Ramos Passos, das 17 às 18 horas.

De 11 a 20—Dr. Martiniano Santos, das 12 às 13 horas.

De 21 a 30—Dr. Morais Simão, das 16 às 17 horas.

Oftalmologia: Consultas em 11—Dr. May Viana.

Cirurgia Geral: Consultas em 3, 17 e 31—Drs. Fausto Cansado e Renato Graça.

Banda de Tavira—Na próxima quinta-feira, dia 8 do corrente, haverá concerto no Jardim público das 22 horas á meia-noite.

Enquanto durarem os festejos populares, os concertos da Banda serão às quintas-feiras.

Farmácia de Serviço—Encontra-se de serviço urgente durante a corrente semana a Farmácia Franco.

Cine-Esplanada—Dentro de breves dias começará a funcionar no aprazível recinto do Parque Municipal, o Cine-Esplanada do Teatro António Pinheiro.

Casino da Praia da Manta-Rôta

Arrenda-se durante a época balnear, nas condições patentes no estabelecimento de Elvino de Abreu Silva, em Vila Nova de Cacela.

Que a Nação aprecie

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

empolada, gasta, falida, aque-la prosa deu o que tinha a dar. O seu uso na época de descarnado realismo que se atravessa, denota, porém, que os autores do papelucho estacionaram, possivelmente sob o deslumbramento de doutrinas que prometeram liberdades e deram grilheta, que apontaram a Primavera e mostraram um trágico Inverno, que ofereceram solidariedade humana e, afinal, escravizaram o homem ao Estado, em tirânico despotismo jamais igualado.

Nós estamos e sentimo-nos a 38 anos do 5 de Outubro de 1910: eles ficaram-se talvez por alturas da página negra do regicídio de 1908, forjado nas alfurjas de abomináveis seitas secretas e executado por braços manietados a juramentos que, quando não cumpridos, são sentenças de morte, tudo é claro em nome da liberdade, da igualdade, da fraternidade e do culto da civilização.

Atentemos em duas das alegações dos que se auto-intitularam salvadores da Pátria em perigo. Ao que eles apregoam:

«Vivem os portugueses horas de miséria e de angústia sem precedentes, avizinhandose um período tenebroso de incomparável calamidade pública, devida exclusivamente a acção do Governo, cabendo-lhe por isso tremenda responsabilidade.»

Mas não fica por aqui. Há mais e porventura mais amargurante. Ora meditem:

«E' mais perigoso para os destinos da Nação manter um tal regime do que substituí-lo pelas formas que asseguram a vida normal dos povos e derrotaram e baniram as ditaduras da Europa.»

Lê-se e não se acredita! Mas já que tal prosa traduz o sentir e o pensar de gente portuguesa, há que opôr-lhe o justiceiro comentário que merece.

Longos meses, segundo creio, decorreram já sobre a elaboração do manifesto, mas por felicidade ainda não deabou sobre a Pátria «o período tenebroso de incomparáveis calamidades públicas.»

Ou por outra: a tempesta-

Grémio da Lavoura de Tavira

Necessitando a Câmara Municipal de fixar, em obediência à Lei, outro dia que não o domingo, para realização dos mercados mensais, mas não desejando fazê-lo sem ouvir o parecer das classes interessadas, convocou este Grémio uma sessão extraordinária do seu Conselho Geral, que terá lugar no próximo dia 5 de Julho, pelas 15 horas, na sala das sessões da Câmara, para se pronunciar sobre este assunto.

Dada a importância que para a Lavoura tem a fixação do dia do mercado mensal, espera-se que os senhores procuradores, na sua qualidade de legítimos representantes de todos os lavradores do Concelho, não deixem de comparecer à referida reunião para deliberar como melhor entenderem, na defesa dos interesses que lhes estão confiados.

Tavira, 29 de Junho de 1948.

A Direcção

de efectivamente desencana-deou-se.

Hospital Escolar, Instituto de Oncologia, Escolas, Liceus, Cidade Universitária, Edifícios dos C. T. T., Cantinas, Serviços Sociais, Colonização Interna, Hidráulica Agrícola, Electrificação do País, Casas de renda económica, Bairros Sociais, Colónias de Férias e muitos outros malefícios continuam a asfixiar a Nação, sendo cada vez mais duras as «horas de miséria e de angústia sem precedentes.»

Mas, além-fronteiras, por essa Europa feliz e abastada, é normal a vida, graças á abolição das ditaduras negregadas.

A Polónia, a Checoslováquia, a Roménia, a Hungria, para não me alongar, gozam a plenos pulmões o ar puro da democracia paradisíaca... e ainda a procissão vai no adro.

Mal irá de nós todos, mal irá dos autores do infeliz papel, se a deixarem percorrer todo o itinerário previsto no programa de Moscovo!

Que pena tudo aquilo faz!!

Um Português inventa o Cinema em Relevo

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

nadoras como, por exemplo, a sonorização. Mas a última palavra no capítulo de aperfeiçoamento da técnica cinematográfica não fora ainda pronunciada: faltava a conquista da terceira dimensão, de que o jôgo sombraluz e os efeitos de perspectiva fotográfica, por mais hábilmente empregados, não conseguiram dar nunca uma impressão suficientemente realística—mal agravado ainda pelo emprego de cenários, em que os artificios, mesmo os mais bem calculados, muitas e muitas vezes não resultavam. Várias tentativas se fizeram nesse sentido, todas, porém, sem resultados práticos animadores.

Estava reservado a um português, o micalense Afonso de Miranda, o ter inventado a técnica do cinema em relevo. Durante dois anos, pacientemente, trabalhou o seu invento, até obter um processo completamente novo e diferente de todos os outros utilizados nas diversas tentativas de resolução deste problema. A sua invenção localiza-se no projecto do filme—que é o habitualmente usado, Nada de óculos, nem de «écrans» ou máquina de filmar especiais: a cena projectada, sem auxilio de tela, vive, toma corpo e volume num espaço aéreo, no próprio palco, tal como se neste se movimentassem personagens de carne e osso.

Técnicos franceses que visitaram o inventor açoriano, na sua ilha de S. Miguel, não esconderam a sua estupefacção perante o prodigioso invento, aparentemente impossível de realizar em face das leis da Física e da ótica. E' interessante notar que a projecção do novo sistema, não só não exige nenhum dispositivo especial de iluminação, mas também se pode realizar em pleno dia!

Eis, em breves traços, o essencial do novo invento, que em países de avançada técnica cinematográfica e inesgotáveis recursos materiais, nunca foi conseguido, cabendo a sua realização a um português que—nota a fixar—recusou todas as propostas de empresas estrangeiras, por vantajosas que fossem, para a industrialização da sua descoberta.

Eis um exemplo de são patriotismo que não ilustra menos Afonso de Miranda do que a sua descoberta.

ECOS DO PASSADO

Jogos Florais

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

reorganizados em academia, para o futuro da qual deixou parte da sua fortuna. Estes jogos, reorganizados, em 1694, foram suprimidos em 1790 e restabelecidos em 1806, sendo a mais antiga academia da Europa.

Porém, em Portugal o nome verdadeiro e antigo destes jogos é «Cortes de Amor», dentro da tradição que correu no nosso país nos tempos remotos dos primeiros Reis da primeira dinastia. Eram a parte literária dos serões, as «Justas poeticas». Então, os nossos Reis, liricamente ligados ás poesias dos Jogos Florais de Toulouse, entendiam que bater o Moiro não impedia que trovassem de amor, como D. Sancho I e D. Dinis, em especial.

Essas «Cortes de Amor» que, mais ou menos chegaram até nós, concorreram para o progresso dos conhecimentos científicos, literários e artísticos, além de serem serões académicos de prosas e versos, e uma espécie de congressos provinciais em que se liam «memórias» acerca de assuntos varios: literatura, história, economia, etc., e poetas e músicos, os trovadores, versejavam e musicavam sobre vários temas que lhes eram apresentados, com prémios conferidos pelo júri. Os prémios eram «rosas», «margaridas» e «saudades» de ouro e prata (ouro e prata de lei), entregues pelas mãos finas de uma linda «rainha» que, entronada, no meio da sua corte de galantes donzelas de qualidade, recebia os cantos festivos que lhe entoavam, vendo nela a Ateneia da Beleza nela, na «rainha» que presidia á festa.

No final da festa, falava o «Mantenedor» orador que nos Jogos Florais, ou «Cortes de Amor», á portuguesa, rematava o serão, salientando o seu significado e fazendo algumas vezes referências ás «memórias» apresetadas.

Eis, em breves palavras, a origem dos Jogos Florais; e tão antigos eles são que remontam aos tempos mitológicos.

E já que citei as «Cortes de Amor», vem a propósito os «Tribunais de Amor», de que falei também em poucas linhas.

Na Idade Média, com a sua galanteria cavalleiresca, as mulheres adquiriram imensa importância, tendo-se associado o amor cavalleiresco, na opinião e na poesia, a quanto é puro e generoso. *Honra ao belo sexo!* era o grito de combatentes e poetas; para as damas revertia principalmente a gloria das proezas dos seus adoradores, o que não raro lhes inspirava um virtuoso orgulho. A mulher, em suma, era o ser ideal cuja influência dominava a poesia, as batalhas, as cortes, os torneios. Mais ainda a galanteria passou para as leis.

E entre as damas instituíram-se então os «Tribunais de Amor», que tinham por objecto ensinar os requintes mais esquisitos da arte de amar, considerando o amor como um beneficio do Céu, como a plenitude da existência do cavalleiro, a origem das proezas, o conjunto, em suma, das virtudes sociais.

Foi esta a época mais brilhante para as mulheres, o destes tribunais, em que o seu poder chegou ao seu apogeu. As damas mais celebradas, acompanhadas por nobres cavalleiros, constituíam esses tribunais, imitando, ou antes parodiando, os judiciais. Esta instituição, útil na origem para fazer penetrar nos costumes a cortezia e a lealdade, inflingindo a quem transgredia os seus preceitos o unico mas temeroso castigo da opinião pública, degenerou depois numa combinação estúpida de pedantismo, de irreflexão e de frivolidade.

Todavia, foram esses tribunais um elemento de civilização, até que cairam pelas suas discussões estereis e até obscenas, e as mulheres, deixando de ser ídolos, tornaram-se objecto de um amor

O nucleo intelectual Tábua Rasa,

de Lisboa, já conta 8 anos de existência

Este cenáculo lisboeta de artes e letras celebrou com uma linda festa os seus oito anos de actividade, bem vividos e bem progressivos.

O jantar mensal em que foi memorada essa data festiva realizou-se, com numerosa assistência de sócios e convidados, na Casa do Alentejo e teve a abrir a série de discursos, algumas palavras do sr. Dr. Francisco Cortez Pinto sobre a «Tábua Rasa» e os seus objectivos, em que provou que ela os tem cumprido dignamente.

Seguiram-se o sr. Comandante Jaime do Inso, ilustre escritor e director da Biblioteca e Museu Naval, que produziu uma bela e erudita palestra sobre a rota da Índia e o estado da arte de navegar no tempo de Camões, e o Prof. da Universidade de Lisboa sr. Dr. Hernâni Cidade, que arrebatou os ouvintes com uma encantadora exposição da influência do mar em *Os Lusíadas*. Também a sr.ª Dr.ª D. Edméa Roseira falou do mar no cancionero do povo, abonando as suas considerações com a leitura de várias trovas populares. Todos foram longamente ovacionados.

Ainda sobre o Mar, disseram versos as sr.ªs D. Maria de Rezen-de, D. Georgina Cardoso dos Santos, o antigo diplomata sr. Dr. Ferreira de Almeida e o sr. João Augusto Bastos. A sr.ª D. Manuela Reis leu com notável expressão um excerto do próximo livro de versos do jornalista Sanz Vieira.

Todos estes recitadores ouviram muitas palmas no final das suas declamações.

O jantar de Julho realizou-se á, como todos os anos, numa quinta dos arredores de Lisboa, seguindo-se-lhe o habitual período de férias até Novembro, mês em que a «Tábua Rasa» recomeçará as suas actividades.

Informações

Obrigações a cumprir perante as Secções de Finanças, no corrente mês:

—Os proprietários, usufrutuários ou possuidores, por qualquer título, de prédios urbanos arrendados são obrigados a entregar durante o mês de Julho na Secção de Finanças do concelho onde estiverem situados uma declaração em duplicado, por cada prédio.

Se a declaração já tiver sido apresentada em anos anteriores e não houver alteração—mudança de inquilino ou de proprietário, ou alteração de renda—não precisa ser renovada.

—Os proprietários de prédios urbanos construídos de novo, melhorados ou reedificados a partir de Julho do ano findo, são obrigados a apresentar uma declaração em duplicado.

—Renovam-se neste mês as declarações de prédios urbanos que continuem devolutos.

Lembra-se a todos aqueles que possuem prédios urbanos para arrendar, que o contrato de arrendamento não reduzido a escrito está sujeito a imposto do selo que será pago mediante participação apresentada na Secção de Finanças no prazo de 8 dias, a contar da data em que o contrato tiver sido feito.

Assinal o «Povo Algarvio»

humano, de alcançarem homenagens menos faustosas, porém mais dignas e ternas.

Desapareceram esses tribunais, por inúteis, e no entanto sobreviveram ainda hoje os Jogos Florais, que foram criados com os mesmos intuitos: a cultura do espirito.

Damião de Vasconcelos

RELÓGIOS

A aquisição de relógio que não seja de marca garantida, o prejuízo é total!

Das seguintes marcas, toma-se inteira responsabilidade, não só na qualidade como no preço, quer tabelado quer não, o que casa alguma pode competir devido aos habituais descontos sobre as condições de compra:

Internacional Watch, Omega, Tissot, Zenith, Cortebert, Amyria, Sergines, Aureos, Cyma, Zoty, Sorel, Zinal, Record, Titus, Longines, Watez, Viergines, Titan, Douglas, Argus, Dogma.

A venda a prestações não tem aumento de preço, quer em relógios, quer em Joias, Ouro ou Prata.

OURIVESARIA MANSINHO - Tavira

CASA "UNIL"

Confortável e moderno estabelecimento, que, dentro de poucos dias, tem a honra de iniciar o seu comércio de vendas ao Ex.^{mo} Público, com um completo sortido dos mais modernos modelos de **Calçado** para **Homem, Senhora e Criança**; e, também, de **Chapelaria, Camisaria, Gravataria, Malhas**, etc.

União Comercial Tavirense, L.^{da}
19, Rua Estácio da Veiga — TAVIRA

J. A. Pacheco

TAVIRA

Fábricas de moagem de Fariinha espoada e ramas

PANIFICAÇÃO MECÂNICA

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

Tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13 APARTADO 13

VENDA A PRESTAÇÕES

— DE —

RELOGIOS E JOIAS

— NA —

Ourivesaria J. V. Mansinho

Maria de Lourdes Azevedo

Parteira-Enfermeira Dip.^{omada} pela Faculdade de Medicina de Lisboa

Partos, tratamentos, Injecções, etc.

CONSULTÓRIO:

Rua dos Torneiros, n.º 34

TAVIRA

Estabelecimento

Trespasa-se, no lugar de Altura do Corvo, (Freguesia de Castro Marim) composto de Estantes Envidraçadas, um Balcão, uma Balança Automatica, tudo completamente novo.

Quem pretender tratar com José Marques dos Santos, no mesmo lugar.

Jorge Correia

CLINICA GERAL

Retomou a clinica

Consultas das 12 ás 13 e das 14 ás 17

MOTOR MARITIMO

Vende-se um H. M. G. «Diesel» de 2 cilindros de 20/24 H. P., a funcionar.

Tem arranque a ar comprimido, veio e hélice em bronze.

Pode ser visto e experimentado no barco onde está colocado.

Tratar com António Soares da Fonseca, em Tavira.

PADARIA

Vende-se ou arrenda-se em São Bartolomeu do Sul com bastante clientela.

Aceita propostas M. Salvador Vaz Palma — Castro Marim.

Júlio Sancho

Médico-Radiologista
Raios X - Electroterapia

Rua de Santo António, 32 - 1.º

TELEFONE: Consultório e Residência 368

F A R O

Vende-se

Casas terreas que constam de 4 divisões e quintal na rua Dr. Miguel Bombarda, 68.

Quem pertender pode dirigir suas propostas a Aldomiro Rodrigues do Carmo, 2.º Sargento de Infantaria 5 — Caldas da Rainha.

LAGAR DE AZEITE

Vende-se um, em Tavira, com armazéns anexos.

Dirigir propostas a Rui Ortega — Tavira.

Reserva-se o direito de não entregar, caso as propostas não convenham.

CARLOS PICOITO

ADVOGADO

Avenida da Republica, 120-122

TELEFONE 128

F A R O

Consultas em Tavira, às quintas-feiras, no escritório do solicitador Carmo Peres

PROPRIEDADE

Vende-se ou arrenda-se, próxima cidade, no sitio do Póço do Alamo, com bela moradia, regadio e sequeiro com bom ramo de alfarrobeiras e oliveiras — Tratar com A. Parreira Faria — Tavira.

Arrenda-se

Propriedade no sitio do Valongo — Conceição de Tavira.

Recebe propostas até 15 de Setembro, Esperança Peres Cruz, Rua Caetano Alberto 16, Arco do Cego — Lisboa. (Telefone 75.354).

Casa

Vende-se na Rua Almirante Reis, n.º 94, com porta de saída para a Rua Roque Féria.

Quem pretender dirija-se a João Pedro Maldonado Junior, em Cacela.

Vende-se ou Arrenda-se

Uma propriedade no sitio de Valongo, freguesia da Conceição.

Dirigir a Henrique Gil Romana — Tavira.

MÁQUINA DE ESCREVER

Vende-se uma «Underwood», modelo 5, em bom estado.

Nesta Redacção se informa.

Estabelecimento

Trespasa-se um estabelecimento na Rua das Freiras, n.º 48.

Tratar com João Paraíso no lugar indicado.

ESTABELECIMENTO

Trespasa-se, na Rua Almirante Reis, n.º 156, por motivo de doença do seu proprietário.

Tratar com Abilio de Sousa Cruz, no referido estabelecimento.

RÁDIO

Consertos em todos receptores de T. S. F. Executa técnico de subida competência.

Nesta Redacção se informa.

RELOJOARIA e "GONÇALVES"

OURIVESARIA

DE

Sebastião do Nascimento Gonçalves

(Avaliador oficial da Caixa Geral de Depósitos)
MERCADO MUNICIPAL
TAVIRA

Participa aos seus Ex.^{mos} Clientes que acaba de receber um grande sortido de relógios da afamada marca «PRONTO».

Venda de óculos e lentes de todas as qualidades.

Objectos de Ouro e Prata, Joias do mais fino quilate e artigos para brindes encontram V. Ex.^{as} neste estabelecimento.



SUMOS de FRUTAS

Absolutamente puros, fabricados com a maior higiene e perfeita técnica

GRAPINA

Bebida agradável e própria para qualquer época, refrescante, alimentar, curativa e salutar para qualquer pessoa e para qualquer idade. Encontra-se já à venda, em todo o Algarve, ao preço de 3\$50 cada garrafa, o

"SUMO de UVA"

Outros SUMOS se fabricarão

Sub-Agente geral no Algarve

António Lã

TELEFONE 91

F A R O